

# Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)

LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA

*Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, 640p.*

*Diorge Alceno Konrad\**

Em 1978, Luiz Alberto Moniz Bandeira, ex-presos político brasileiro e um dos exilados do golpe que derrubou Jango, lançou *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil – 1961-1964*.

Ali, se delineava a posição teórica do autor, centrada na luta de classes brasileira, na contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção e nos marcos da análise sobre o imperialismo. Um dos capítulos mostrava a operação *Brother Sam* e como o governo norte-americano, a Central de Inteligência Americana (CIA) e o Departamento de Estado foram fundamentais na construção da quartelada de 1964, o “ensaio geral” dos golpes na América Latina.

Duas décadas depois, a abertura dos documentos da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos trouxe o “aval” de pesquisadores *brasilianistas* para o que Moniz Bandeira já dissera em sua obra.

Partindo do estudo sobre o Brasil, consagra-se a análise apurada das relações internacionais e a profunda pesquisa em arquivos. Como disse o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, no Prefácio de *A fórmula para o caos*, a obra de Moniz Bandeira “é fundamental para compreender o passado, o presente e o futuro da América do Sul e da América Latina”.

---

\* Professor adjunto do mestrado em Integração Latino-Americana (MILA) e do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria.

Trinta anos depois, com uma densa contribuição para a historiografia, para a ciência política e, sobretudo, para a militância política de esquerda, Moniz Bandeira volta ao tema, agora tendo como alvo o Chile e a derrubada do governo de Salvador Allende, no imprescindível *Fórmula para o caos*. Em uma das epígrafes do livro, contra a mentira histórica, o autor cita Jean Racine, a fim de nos dizer que não há nada secreto que o tempo não nos revele.

Muitos já sabiam em 1973. Todos saberão agora. O golpe de Estado e suas causalidades, articulado pelos reacionários do Chile para a preservação de seu *status quo*, foi construído com o auxílio da CIA. Desde 1962, o Special Group, criado no Conselho de Segurança Nacional, financiava o Partido Democrata Cristão e seu líder Eduardo Frei, além de ações encobertas (*covert actions*) e operações de engodo (*spoiling actions*) para evitar a eleição de um senador socialista, Salvador Allende.

Era parte de um processo de uma encenação em vários atos, nos quais a dependência e a desigualdade social vinham atrás da Doutrina Monroe e sua diretriz da América para os americanos... do Norte.

A receita continuaria com o estreitamento das relações da Central de Inteligência Americana com os serviços de segurança interna e de inteligência do Chile. Assim, Moniz Bandeira nos mostra que, de 1964 a 1969, a CIA montou cerca de vinte operações encobertas. Mas foi durante o próprio governo de Eduardo Frei, em 1969, que a Agência o descartou. De sua estação em Santiago, comandada pelo ultradireitista Henry Hecksher, abandonaram os democratas cristãos, a fim de construir a aliança golpista em torno do Partido Nacional e do Partido Radical.

Na Casa Branca, por sua vez, já governava Richard Nixon, maestro de uma política para América Latina sustentada por ditaduras submissas aos Estados Unidos, defendendo a substituição da Aliança para o Progresso pela Ação para o Progresso, articulada por Henry Kissinger, assessor de Segurança Nacional e o grande mentor do golpe de Estado no Chile. O objetivo era impedir a vitória do então senador Allende à Presidência da República, apoiado pela Unidade Popular, aliança de partidos de esquerda com o Partido Comunista Chileno e o Partido Socialista, agora também se declarando como marxista-leninista. Assim, para a CIA, desde o início, Allende criaria uma “versão chilena do comunismo de Estado do Leste europeu”.

Com base nesse amplo quadro, Moniz Bandeira irá desenvolver densa análise e minucioso relato, fundamentados e documentados em arquivos do Chile, do Brasil e dos Estados Unidos, sobre como os conservadores chilenos e seus aliados norte-americanos não conseguem impedir a eleição presidencial de Salvador Allende, nem o início do processo de construção da *via chilena para o socialismo*, assim como a ampliação da luta de classes no Chile, que possibilitou uma correlação de forças na qual a esquerda foi derrotada pela ditadura sanguinária, comandada pelo famigerado Augusto Pinochet.

O programa eleitoral de Allende havia defendido que a única alternativa verdadeiramente popular era “terminar com o domínio dos imperialistas, dos

monopólios, da oligarquia latifundiária e iniciar a construção do socialismo no Chile”.

O imperialismo norte-americano assumiu seu papel golpista com recursos do governo e das transnacionais, financiando ações desestabilizadoras, conquistando o apoio da pequena burguesia, com a finalidade de criar o ambiente propício para a derrubada do governo da Unidade Popular. A greve dos caminhoneiros e o desabastecimento, atentados forjados para atribuir a responsabilidade à esquerda, os “painéis”, as matérias pagas e as gratuitas na grande imprensa, o boicote no comércio internacional e no crédito, enfim, a crise financeira, foram a “fórmula para o caos”, como indica Moniz Bandeira, fatores detonantes do golpe.

Golpe este que – como afirmou no Prólogo Peter Kornbluh, diretor do Projeto de Documentação do Chile no National Security Archive, sediado na Universidade George Washington e líder da campanha para a desclassificação dos documentos secretos da CIA sobre o golpe de Estado no Chile e a ditadura do general Augusto Pinochet –, impediu a via pacífica chilena para o socialismo, sendo “um dos fatos mais infames da história mundial contemporânea”. Por isso, como nos diz Kornbluh, a importância do livro de Moniz Bandeira é que ele “apresenta uma história multinacional mais complexa das operações clandestinas que derrubaram o governo Allende e deram origem ao regime de Pinochet”.

Como nos mostra Moniz Bandeira, o ato final, a manobra para levar o Chile ao caos econômico, social e político, começou logo após a eleição de Allende, o primeiro governo marxista da República, cujos eixos programáticos centravam-se na reforma agrária e na expropriação das grandes empresas privadas, mediante nacionalizações coordenadas pelo Estado.

Em *O 18 Brumário*, partindo do exemplo francês do século XIX, Marx já mostrara que a burguesia reclamava a República como sua propriedade em nome do capital, encontrando formas de governo na qual podia assentar seu domínio de classe. Para os marxistas, sabemos há tempos, a questão da propriedade tem sentido essencial para qualquer transformação revolucionária da sociedade ou para a movimentação reacionária, enfim, para a luta de classes.

Na América Latina, diferentemente do processo de desenvolvimento capitalista da Europa Ocidental, a burguesia nasceu essencialmente da acumulação capitalista do campo, sem grandes contradições com a burguesia industrial, especialmente em aliança com os monopólios imperialistas. Assim, consolidou-se uma fração reacionária da burguesia agrária contra qualquer reforma estrutural no campo, mantenedora do latifúndio, sem contradição de classe com as transnacionais e o capital financeiro.

O excepcional *A fórmula para o caos*, entre tantas contribuições, reforça a convicção de que estudar o primeiro 11 de setembro, o do Chile corrupto e repressor, nos auxilia a entender a derrota da esquerda naquele país. O livro de Moniz Bandeira é importante para compreender o laboratório contrarrevolucionário do ultraliberalismo, aperfeiçoado no Chile, a partir de 1973. Afinal, com

referências a Antonio Gramsci do *El "Risorgimento"*, o próprio autor afirma na Introdução que um grande livro é aquele que “no presente ajuda as forças em desenvolvimento a converterem-se em mais conscientes de si mesmas e por isso mais concretamente ativas e factíveis”.

A leitura de *Fórmula para o caos*, e o exemplo do Chile da década de 1970, é uma grande contribuição de um teórico-militante, que aprendeu com a experiência, para entendermos um dos clássicos temas para os marxistas: a questão da estratégia de luta anticapitalista e da transição para o socialismo, a partir dos limites da institucionalidade liberal e burguesa, marcada pelas eleições e pela governabilidade, pela possível e concreta conquista histórica de um governo sem a respectiva conquista imediata do poder político, econômico e de classe e com a falta de condições objetivas, materiais, tanto internas quanto externas, como ele afirma, na Conclusão, para a revolução socialista.

KONRAD, Diorge Alceno. Resenha de: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, 640p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.29, 2009, p.157-160.

***Palavras-chave:*** América Latina; Luta de classes; Ditadura militar.